

O Futuro da Saúde Global

O conhecimento científico tem-nos ajudado a resolver os problemas das sociedades. É um processo que nos ajuda a identificar os problemas (diagnóstico) e a procurar soluções (experiência). A ciência é sem dúvida um instrumento de conhecimento do mundo e uma ferramenta para a sua transformação. Sabemos que a investigação científica nem sempre tem uma aplicação imediata, mas que ela é fundamental para se continuar a pensar sobre o mundo. No tempo dos nossos avós, por exemplo, criaram-se as universidades. Podemos considerar, para simplificar que existiam dois tipos de ensino. Os estudos gerais, mais dados às filosofias, às letras, às leis e às artes, e os estudos técnicos, mais voltados para as questões práticas, das engenharias, da economia, da agricultura, da veterinária. A medicina talvez seja neste contexto um caso interessante, pois sendo, na sua função social, uma técnica que é aplicada de forma rigorosa segundo princípios comprovadamente científicos e no âmbito duma ética consensualizada, não deixa também de ser um pensamento sobre a vida e a morte.

Se a ciência nos tem ajudado a resolver os problemas do mundo, também não deixa de ser verdade que o conhecimento científico nos surge hoje muitas vezes surge hoje como fragmentado. Ao mitigarmos um problema aqui, geramos outros problemas a jusante, que obrigam a tomar novas medidas, que por sua vez geram novas especialidades, numa espiral infundável.

A Saúde Global é um campo onde isso é visível. Por exemplo a epidemiologia tem-nos vindo a fornecer uma compreensão sobre os fenómenos que causam as doenças. Um agente infeccioso, o ato de fumar por exemplo. A partir da causa prescreve-se um determinado tratamento. Num infecção um agente antibiótico adequado, no ato do fumo, a proposta da sua proibição. No caso da infecção estamos perante uma situação que ocorre em função do acaso: da existência do agente, da disponibilidade do receptor e da existência dum processo de contágio. Um conjunto de variáveis que se comungam num determinado momento e que podem ser prevenidas de diferentes formas. A vacinação, as práticas de higiene, o evitar dos riscos. Não sendo possível de evitar, entra em ação, com maior ou menor eficácia a técnica terapêutica.

Já no caso do uso do tabaco a epidemiologia assemelha-se em alguns pontos, mas distingue-se radicalmente no fator acaso. Trata-se duma prática social cuja ocorrência depende do livre-arbítrio de cada um. O uso do tabaco é provavelmente mortífero. Não na sua prática de momento, mas no prazo. Tem um efeito potencialmente cancerígeno e reduz de forma acentuada a esperança de vida, seja por potencialmente gerar problemas cardiovasculares e pulmonares e vasculares cerebrais. Não sendo a causa direta da morte as práticas sociais são neste caso mais tolerantes o que em conjugação com o peso do marketing comercial leva a uma diminuição da percepção do risco imediato.

Trata-se portanto duma epidemiologia que permite olhar para as diferentes associações nas práticas sociais (consumo, mercado, lazer, sociabilidade, busca de estatuto social, procura de emoções etc.,) e compreender os factores de risco que estão envolvidos para

a saúde individual, mas também nos exige posicionar o conhecimento numa forma mais holística de forma a compreender os problemas de saúde pública que comporta.

Como facilmente podemos compreender a Saúde Global não se pode constituir hoje como uma disciplina exclusivamente médica, na medida em que, continuando a incluir um importante trabalho sobre epidemiologia, comporta hoje dimensões de conhecimento como a economia da saúde, as ciências comportamentais e a gestão

A integração destas diferentes dimensões na Saúde Pública Global leva-nos a compreender os fenómenos de saúde como uma totalidade a sua íntima conexão à questão do desenvolvimento. Na era da globalização os fenómenos são também eles globais. Enquanto há vinte ou trinta anos atrás era possível, por exemplo, estudar a epidemiologia duma dada região ou país e adotar algumas medidas e programas para procurar resolver os problemas identificados, nos dias de hoje os fenómenos de saúde pública são globais. Não conhecem fronteiras ou países, não reconhecem estatutos nem grupos sociais. Nos dias de hoje há a consciência que os diferentes desafios do desenvolvimento têm que ser resolvidos de forma comum pela humanidade. Um desses desafios é enfrentar as questões da Saúde Global através da criação de plataformas de ação comuns.

Por exemplo, as alterações climáticas que estão a provocar um aquecimento global do planeta vai certamente modificar o ambiente de muitas regiões. Migrações de doenças, mutações de vírus e bactérias vão alterar incidências epidémicas. É necessário que os conhecimentos e as práticas que existem sejam partilhados, da mesma forma que os processos de tratamento possam estar acessíveis a todos, independentemente dos diferentes níveis de prosperidade. A Saúde Pública Global é também hoje um esforço de constituição duma plataforma comum que com base nos compromissos de todos, cada um atua ao nível local de forma adequada

A abordagem da Saúde Pública implica a prática dum conhecimento que transite para a análise dos fenómenos complexo. Um pensamento capaz de equacionar o perfil do desenvolvimento económico e estabelecer a adequação da distribuição dos recursos gerados pela produção. Um pensamento capaz de promover o valor da equidade na distribuição dos bens e serviços públicos, da eficácia do investimento e da eficiência dos processos e sistemas.

Sabemos hoje que as desigualdades económicas entre países e entre grupos sociais são factores de empobrecimento global. A iniquidade na saúde gera problemas globais que implicam compromisso comuns que exigem a ultrapassagem dos interesses particulares e imediatos dos diferentes atores. A Saúde Global é um campo de trabalho onde é necessário compatibilizar os objetivos imediatos do curto prazo, com os objetivos menos mensuráveis no médio e longo prazo. A Saúde Global é também um campo de trabalho sobre o Desenvolvimento Sustentável na medida em que ele gera uma consciência sobre os problemas e cenários que se colocam às gerações futuras.

A análise dos determinantes sociais e ambientais duma população são hoje indicadores determinantes para desenhar e adaptar os sistemas de saúde pública. Os instrumentos de planeamento podem prever e prevenir ocorrências de surtos epidémicos, ajustar serviços às necessidades das populações e ajudar a criar resiliência nas aglomerações urbanas.

O ter trabalhado ao longo dos últimos quinze anos com os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, com base em objetivos e metas definidos, deu uma ideia muito mais clara das dificuldades e problemas específicos. Há uma compreensão mais ajustada dos processos de desenvolvimento de controlo de infeções e ameaças epidémicas, dos problemas da saúde materno-infantil, dos efeitos da má-nutrição. Sabemos que a evolução demográfica apresenta várias ameaças no campo das doenças não transmissíveis, e podemos tomar medidas atempadamente, que no campo da nutrição, das práticas sociais e na prevenção.

Sabemos que os sistemas de saúde necessitam de ser organizados de forma a combinar as questões da sua sustentabilidade económica, assegurando o acesso aos serviços e à disponibilidade de medicamentos essenciais. Sabemos que em grande medida os sistemas de saúde não podem deixar de ser públicos como forma de garantir o acesso e a equidade social, quer a terapêuticas quer a medicamentos, que de forma isolada os indivíduos não podem alcançar. Sabemos que os serviços de saúde devem assegurar uma cobertura universal. São questões que são essenciais para quebrar o ciclo vicioso de pobreza e que levam a Saúde Global, como disciplina de interação complexa, a tender constituir-se como um instrumento chave na construção do desenvolvimento sustentável.

O conhecimento acumulado através dos programas e práticas que se geraram por via dos ODM, também revelaram os limites das intervenções no âmbito dos programas quadro. No decorrer das últimas dezenas de anos, prática que os ODM corporizaram, os programas de saúde pública tenderam a concentrar-se em problemas. A procura da resolução desses problemas levou a que se concentrassem nesses processos a maioria dos recursos disponíveis. Um processo que em grande medida também foi incentivado pelos doadores internacionais que faziam concentrar os financiamentos da Ajuda Internacional em determinadas áreas problemáticas. Em muitas das comunidades mais frágeis e com maiores carências de saúde pública, a concentração em programas verticais facilitou a resolução de alguns problemas, não favorecendo a resolução de outros. A consciência de que os problemas de saúde na comunidade são globais mostra que é necessário, em paralelo aos programas verticais, desenvolver programas extensivos aos diferentes níveis da comunidade.

A ultrapassagem dos limites identificados dos programas de ajuda ao desenvolvimento no campo da saúde passa não só pela consciência da sua complexidade e do seu alargamento, como implica igualmente desenvolver mecanismos de participação das comunidades na sua identificação e resolução. Os mecanismos de ajuda ao desenvolvimento no campo da Saúde Global ganharão sustentabilidade se foram capazes de alargar a plataforma de entendimento e compromisso ao nível das comunidades locais, na forma de envolvimento no seu planeamento e execução.

Os atores da Saúde Global têm que ser capazes de dialogar e de integrar todos aqueles que estão fora do sector da saúde, do comércio, do urbanismo, dos sistemas agrícolas e alimentares. Todos eles devem estar sintonizados com os objetivos de saúde e do desenvolvimento local.

Se não é possível pensar no desenvolvimento sem pessoas saudáveis, sem um planeta saudável e sem uma economia saudável não é difícil entender que nos próximos objetivos do desenvolvimento, que muito provavelmente serão de Desenvolvimento sustentável, não é difícil entender que os atores da Saúde Global irão ser atores indispensáveis para ultrapassar os limites dos níveis de desenvolvimento de cada comunidade. Haverá pois aqui um campo de conhecimento pratico a desenvolver.